

ISABELA NORONHA

Resta um



Copyright © 2015 by Isabela Noronha

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Tereza Bettinardi

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Jane Pessoa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Noronha, Isabela

Resta um / Isabela Noronha. — 1^a ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2633-0

1. Ficção brasileira I. Título.

15-06443

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

06/02/2011

Parada. Na Marginal, às 18h32 de domingo. Travada. Na veia do oeste de São Paulo, no calor, no fedor do rio Pinheiros. Cinco metros para a frente e paro de novo. Entre os milhões de veículos que vão para casa concluir o fim de semana. Com pressa. Vou para a faixa à esquerda, não, os motoqueiros não deixam, passam dos dois lados, acelerando, sessenta, setenta quilômetros por hora, uma linha longa e espremida, carregados de fast-food e pequenas encomendas. Carro que arrisca mudar tem o espelho arrancado. Ou derruba o motoqueiro. Eles morrem todo dia.

Buzinam.

“Idiota!”

A voz sai sem força para atravessar o vidro, bate na janela e volta.

Na minha frente, GRP 7254: 9; 72 e 54 são ambos múltiplos de 9.

Perto da margem do rio, no caminho concretado em que veículos motorizados são proibidos, um catador de lixo suado e descalço puxa a carroça abarrotada de cadeiras quebradas, jor-

nais velhos, garrafas de plástico vazias, a carcaça de uma geladeira enferrujada e um aparelho de som ultrapassado. As rodas rangem para aguentar o peso, soltam um ruído agudo a cada dois segundos, um barulho antigo. A carroça é mais rápida que os carros.

Cinco metros.

Pendurado no retrovisor, o terço balança. Quer chamar minha atenção? Quando Janice me convidou para ir à igreja hoje, achei que poderia até gostar. Tentei.

Louvada seja esta nossa terra abençoada. Esse país glorioso onde em se plantando tudo dá, a água é abundante e, acima de nós, o astro rei, Sol, com sua luz absoluta brilha forte o ano inteiro. Amém?

Temos trinta e três graus, diz o rádio. Aqui dentro, trinta e cinco. Trinta e seis. Abro a janela e o odor de animais mortos, lixo doméstico e esgoto fica ainda mais forte. Torço o cabelo num cilindro denso e negro, achatado no topo da cabeça, e prenho com uma caneta Bic azul marcando o diâmetro, cortando no meio. Um mendigo, cada vez maior no retrovisor, tropeça. Nossos olhares se cruzam no espelho: ele vê que estou vendo. Sua mão direita está embrulhada na camisa escura e aberta, sem botões. Esconde uma faca? Fecho a janela. Um revólver? O mendigo para ao lado, bate no vidro com o nó imundo de seus dedos.

“Sem trocado, desculpa”, projeto a voz, ela sai um pouco mais alta que o normal, para ter certeza de que ele vai ouvir.

Bem-aventurados os que atendem o chamado dos céus, pois serão recompensados. Na vida celestial? Sim. Mas também nesta. Não é da vontade do Senhor o sofrimento. O sofrimento é da vontade humana. Deus quer a alegria, a prosperidade; os prósperos

contribuem, têm força para espalhar a palavra. Amém? Coloque a mão no seu coração. Peça ao Senhor que o livre das tentações da preguiça, da fuga, do cansaço. Agora, olhe para a esquerda e diga ao seu irmão: “A miséria não lhe toca nem lhe tocará”.

O mendigo desembrulha a mão. Nem faca nem revólver. Ele me mostra um corte entre o indicador e o dedão, sangrando. Balanço a cabeça e faço cara de triste. Mas não espere que eu abra o vidro, querido irmão. O mendigo desiste e retoma seu andar arrastado por entre os carros.

Agora pedirei a vocês para colocarem suas contribuições dentro da cesta. Dê a quantia que quiser. Doe trinta reais, quarenta reais ou mil reais. Dez reais é bom também. Amém? Só lembrem que esse dinheiro não será usado por mim, tampouco pela igreja. Será Nosso Senhor que vai gastá-lo através de nós.

Jesus Cristo Alegria de Todos — nome ridículo para uma igreja. Daqui, ainda possovê-laatrás do longo gramado do Villa-Lobos, o parque sem árvores, do outro lado da ponte do Jaguaré. O templo é uma construção neoclássica, indiferente às casas vizinhas, de famílias tradicionais, que ainda mantêm traços coloniais com suas janelas e portas retangulares emolduradas em azul, fachadas brancas e telhas curvas de cerâmica clara.

O tamanho impressiona. Cinco mil metros quadrados, calculo. Durante o culto, cada um deles é ocupado por duas pessoas, resultando em quase dez mil fiéis, todos contribuindo com ao menos dez reais por ritual. São cem mil por hora e eles continuam pedindo mais.

Outros vinte metros. À esquerda, o GAA 3141, um Citroën C3 preto. “Sou o medo e temor constante do menino vadio” vem à minha cabeça: a fórmula mnemônica do PI. A resposta é o número de letras em cada uma das palavras:

Sou = 3
o = 1
medo = 4
e = 1
temor = 5
constante = 9
do = 2
menino = 6
vadio = 5

PI = 3,14159265. Preciso de um cigarro. Pego a bolsa debaixo do banco do passageiro e encontro o maço de Marlboro Lights. Está vazio. O carro anda um pouco mais. Mudo a estação do rádio, procuro uma música que preste. Não há.

Por fim, eu gostaria de deixar abertas as portas deste templo, do nosso templo. Daqui eu vejo pessoas que começaram conosco hoje e acredito que elas retornarão. Nada para Deus é impossível. Amém?

Ligo para Janice? Não dá para conversar durante o culto, durante o culto só se diz “amém”. Mas ela ainda deve estar com Tina e Sandra. Duas mulherzinhas, dois zeros à esquerda. O que Janice vê nelas? Minha amiga se perdeu um pouco nos últimos anos. A morte da mãe, um câncer agressivo. Mas tem um trabalho, sobrinhos lindos e um ex-marido generoso, rico, que ainda a ama mas não enche o saco. Tina e Sandra vivem à toa, só querem saber de se casar, de preferência com “um homem de recurso”. Qual o denominador comum?

X. A igreja é o templo dos que foram tocados por ele. X é a incógnita, uma variável. É a doença, a morte, o acidente, o vício, a loucura. O aleatório manifesto. X não é escolhido, ele escolhe.

E, uma vez na sentença, condensa todos os fatores em um. X é a raiz, aquilo que justifica o restante, a ordem da vida, a resposta para as perguntas: “Por que eu?”, “Por que agora?”. Desvendá-lo é chegar à explicação necessária, porque só entendendo se digere e só digerindo é possível seguir em frente.

Na igreja estão os desistentes. Os que caíram na tentação de dar a X um valor abstrato e tão aleatório quanto ele mesmo. Para eles, X = Deus, a justificativa suprema, inquestionável, confortavelmente definitiva. O câncer? Vontade divina. O atropelamento da criança na tarde de um sábado quente? O fim do casamento? A queda do avião? A pobreza? Deus, Deus, Deus. Como se a tragédia fosse parte de um plano maior, o efeito antecedendo a causa, o presente justificando o passado, e não o contrário.

Mas a explicação fácil não me interessa. Na minha vida, X é uma constante, uma busca da qual não abro mão. É minha filha, a ausência dela. É um X entre milhares, porque Amélia é uma em quarenta mil, entre as quatro dezenas de milhares de crianças que somem todo ano no país, e é um X entre os milhões que seguem desaparecidos, e para desaparecimento não há fator comum além do jugo da possibilidade. Tudo o que pode acontecer, pode acontecer no próximo minuto. Da mesma forma que foi quando ela sumiu, poderá ser quando voltar. Agora, a qualquer segundo.

A chuva cai no capô como pedra, borra o vidro, quase me impede de ler os números brancos do táxi à direita. GPR 6211, 06/02/11. A data de hoje. A Marginal logo estará cheia de pontos de alagamento bloqueando vias randômicas, semáforos sairão do ar, cento e quinze saíram na última chuva, o trânsito vai virar o caos. Travada. Quero abandonar o carro aqui, na pista expressa, que se dane. Mas não faço nada.

26/09/2004

Amélia estava no telefone com Bruna desde as 9h15. Quase uma hora, sentada no banco de plástico sem encosto, entre as escadas e a mesa redonda de madeira clara que sustentava o aparelho, costas contra a parede, levemente curvadas. Seus cachos ainda estavam bagunçados da noite de sono, milhares de espirais castanho-douradas amontoadas. As roupas eram as de uma garotinha, um conjuntinho de short e blusa verde-limão barato, estampado com uma boneca feita de cinco retas e um círculo. As pernas já tinham contornos adolescentes, estavam cruzadas, o pé da frente se movia no ritmo da conversa: devagar quando Amélia sussurrava, agitado quando ela ria. Ela ria alto. Amélia nunca calçava chinelo, apesar da minha insistência. No pé, só meias — uma esticada até o meio da perna, a outra enrolada, parada no calcanhar. Ela sempre as usava para dormir, mesmo que a temperatura chegassem a trinta graus, como naquele dia.

Eu estava no cômodo ao lado tentando trabalhar, com a porta encostada. Ali era meu escritório, meu mundo dentro de casa. José o tinha arrumado para que eu não precisasse mais ir

à universidade nos fins de semana. Era iluminado e arejado — a janela no fundo ficava aberta. Nas paredes, havia apenas dois conjuntos de prateleiras carregadas de livros, organizados por tamanho; entre eles, a *Biblioteca da matemática moderna*, exemplares importados, como os três volumes de *Principia Mathematica*, e dezenas de livros didáticos para estudantes de ensino médio. Embaixo das prateleiras, na escrivaninha de pátina branca em L, ficavam empilhados nove números da *Mathematics Magazine*. O lugar do computador era ao lado deles, no meio do móvel. Todos na casa tinham acesso a ele, mas a prioridade era minha. Um adesivo azul dizendo “Departamento de Matemática — USP”, colado na moldura do monitor, não deixava dúvida.

Tudo cabia perfeitamente naqueles três metros quadrados: meus livros, minhas revistas, minhas calculadoras, meu computador. Ali eu podia me enfurnar, me perder por horas em medidas e análises. Naquele domingo, eu estava a três dias do prazo para fechar um relatório de cento e quarenta e três páginas recheado de equações algébricas e triângulos agudos e obtusos, círculos e paralelogramos. Porém, a cada cinco minutos meu olhar escorregava para o hall e vencia a fresta de dois centímetros para tentar encontrar os olhos de Amélia e dizer, na linguagem muda de mãe e filha: “Fale mais baixo”, “Já está bom”, “Desligue, alguém pode estar tentando ligar”.

Mas do banco embaixo do velho cuco de madeira escura, no centro da imagem estreita emoldurada pela porta semiaberta, Amélia não me notava. Eu tentava retomar o trabalho, ela ria de novo, sacudindo seus cachos desordenados e suas meias assimétricas. Aquela menina podia ser uma versão nova de mim: o mesmo nariz achatado, as sobrancelhas espessas, os cachos, a pele que ficava bronzeada em dois minutos de sol. Mas a forma como balançava o pé, relaxadamente, não tinha nada a ver comigo. Era quase uma declaração da diferença entre nós. Amélia

era meu oposto, meu negativo. Ou positivo? Ela ria de novo. Quando tinha a idade dela, eu era comprometida, preocupada. Já tinha calculado minhas chances de entrar numa universidade. Aqueles que estudam nas escolas públicas raramente vão além do balcão da padaria, dizia minha professora favorita.

Amélia, porém, era livre de cálculos. Ela podia rir alto sem medir o volume, as consequências, nada. Ela podia ter cachos bagunçados e meias desleixadas.

Mais risos. E o telefone bateu no gancho.

Saí do relatório mais uma vez para a fresta. Um filete de vazio; Amélia já tinha ido. Entre as escadas, o banco e a mesa de telefone, somente a parede opaca, impecável, branca.

Domingo

A febre começou de repente. Quando vi, meu corpo exalava calor, mas meu sangue continuava frio. Insolação.

Parece criança! Rio de mim, transbordo alegriazinha. Perdi a noção do tempo. No pomar desde o princípio do dia, separando os galhos da jaboticabeira, cortando os mais fracos, eles ainda assim mais fortes que eu, minhas mãos tremendo. Não é mais como quando eu era mais moça.

Quando eu era mais moça, menos velha, eu plantava. E num puxão exterminava galhos secos, planta parasita, erva. Tiririca não ficava mais de dois ou três dias aqui. Era aparecer a ponta e eu arrancava, pela raiz, que é como se trata o mal. Agora não, convivemos por tempos às vezes.

Meu estômago embrulha, a terra mexe embaixo de mim, gravetos, folhas, jaboticabinhas murchas, tudo balançando para um lado e para outro como gangorra.

Não gosto de dar mais atenção a uma planta só, as outras se chateiam e não frutificam bem. Ou fazem como o meu pé de carambola caprichoso e dão fruto, mas amargo, que ninguém quer.

Acontece que a jabuticabeira é a caçula, tem pouco mais que uma mão cheia de anos. E é a única. Tem outras caramboleiras, das pitangueiras tem três, das laranjeiras, um par.

Um pingo, e outro, em mim, na jabuticabeira, nas folhas embaixo dela e nas carambolas, em cada parte. Quero ficar. A terra balança de novo. Melhor ir, sentar um pouco. Não reclamo. Tenho minhas plantas, Kaique.

“Já volto”, me despeço. A jabuticabeira devolve o aceno.

Dói quando minhas pernas roçam no plástico verde da almofada. Está fria. As costas se queixam do encosto de aço, é duro, ultimamente as costas só se queixam. Acordaram. A cadeira está coberta de ferrugem, não para de chover esses dias. Deu ferrugem também na jabuticabeira, mas essa era de outro tipo, era fungo. Demorei a descobrir o que era aquele pó amarelo nas frutas.

É quase o fim da tarde, e a chuva coroa o dia, lava, faz nascer, recomeçar. A gente vive assim, espremido em meio ao que nos dá vida. O céu e o chão. A gente às vezes se esquece, mas as plantas não. Elas são humildes na sabedoria de que precisam de luz e água, mas também de sombra e terra para crescer. E adubo: terra, osso, sangue, restos, dejetos. As plantas são fortes, firmes em seus troncos, esplendorosas em seus frutos, suas flores, suas folhas, seus espinhos.

Daqui vejo todas, minhas meninas. Vejo e lembro.